

DO ESPAÇO UTÓPICO AO LUGAR COMO CORPO HETEROTÓPICO: ALGUNS APONTAMENTOS A PARTIR DE K-PAX

Gabriel Carelli Rodrigues de Oliveira; Cláudio Benito de Oliveira Ferraz. Presidente Prudente, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista.

1. INTRODUÇÃO

Como aluno de graduação do curso de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, o referente trabalho que está sendo desenvolvido em conjunto do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (GPLG), parte da Rede Internacional Imagens, Geografia e Educação, tem como intenção fazer leituras de obras científicas, filosóficas e literárias para contribuir com o discurso epistemológico dentro da área do conhecimento geográfico

A ideia inicial deste projeto de pesquisa começou a partir de indagações feitas sobre como a utopia, ainda sem embasamento teórico, movia o hospital psiquiátrico do filme “K-pax: o caminho da luz” (Dir. Iain Softley. Cor., 120 min, EUA, 2011). Durante atividades, discussões e provocações feitas dentro das reuniões do GPLG, principalmente pelo nosso orientador Cláudio Benito, o aprofundamento e as reflexões acerca do tema e do filme começaram e ganharam novas direções, dando sentido para uma nova visão: o corpo como transformador de um novo significado de espaço.

A partir desta perspectiva, está sendo feita a leitura das obras científico-filosóficas “A utopia” (MORE, 1996) e “O corpo utópico e as heterotopias” (FOUCAULT, 2013), em conjunto do filme selecionado, para desdobrar as questões do corpo como transformador do significado do espaço e os fenômenos geográficos influentes que se atravessam na quebra da fronteira para com a linguagem cinematográfica, filosófica e científica. As obras, de Thomas More e Michel Foucault, foram eleitas a partir do que o filme instiga na discussão da relação corpo e lugar por serem textos que apresentam formas distintas, atravessando assim uma nova orientação para o referencial espacial geográfico ao qual analisaremos essas diferenças.

Deste modo, pretendemos fazer com que o leitor se aproxime da linguagem geográfica pelo esclarecimento do corpo como a mudança do significado e da ideia conceitual de lugar em conjunto dos elementos fílmicos, com base no espaço do hospital como mostrado no enredo do filme selecionado, com os textos escolhidos. Assim explicaremos a ideia de como os

corpos se afetam num espaço de diferenças e de fugas de sujeitos que sofrem quando entram em contato com a dura realidade de normatização ao qual vivem, por exemplo, as personagens do filme "K-pax", e como eles mudam e ressignificam o lugar a partir de seus desejos e interações.

2. OBJETIVO

2.1. Objetivo Geral

Apontar maneiras com que pode ser percebido o corpo como lugar do acontecimento geográfico e instigar a percepção de como o filme pode potencializar a compreensão das linguagens científicas, que parte das noções de espaço e lugar, da geografia, e das linguagens filosóficas, a partir de "A utopia" (MORE, 1996) e "O corpo utópico e as heterotopias" (FOUCAULT, 2013).

2.2. Objetivo Específico

- Experimentar as possibilidades da linguagem geográfica ao exercitar aproximações com a linguagem artística do cinema como forma de instigar outros pensamentos espaciais;
- Contribuição epistemológica para a linguagem geográfica a partir da abordagem do pensamento espacial na relação com as forças do corpo;

3. METODOLOGIA

A metodologia do projeto de pesquisa é um artifício epistemológico que visa desdobrar a ideia do pensamento espacial geográfico para além do usado na Geografia tradicional. Para isso usaremos das leituras feitas do filme "K-pax: o caminho da luz"(Dir. Iain Softley. Cor., 120 min, EUA, 2011), dos textos "A utopia"(MORE, 1996) e "O corpo utópico e as heterotopias"(FOUCAULT, 2013), além do livro "O que é cinema" (BERNADET, 1963) para a introdução na linguagem cinematográfica, e apontarmos as direções das análises feitas até o momento. A noção do lugar como um espaço em que corpos ocupam somente para finalidades pré-estabelecidas e organizadas foge do centro da visão de análise deste projeto. Aqui contribuiremos com novas perspectivas para a ideia de lugar, nos apoiando na filosofia da diferença a partir de Michel Foucault que nos propõe no espaço a possibilidade do atravessamento de desejos e afetos de corpos, processando novos significados e reutilizações para esses lugares.

4. CONSIDERAÇÕES: REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÕES

A princípio olharemos o enredo de "K-pax" a partir do protagonismo do espaço

do Instituto Psiquiátrico de Manhattan, onde ocorre a maior parte do filme. Ali poderemos ver as mudanças que acontecem a partir da entrada de Prot (Kevin Spacey), sujeito internado no hospital psiquiátrico devido afirmar para autoridades da cidade que era de um outro planeta que chamava K-pax. Partindo da perspectiva do espaço do hospital, notaremos como os corpos que interagem ali mudam as suas ações e movimentos de acordo com o passar da trama, potencializando novas formas de vida para a recriação do lugar dado como Instituto Psiquiátrico de Manhattan, pelo qual deixa de ser um espaço de disciplina e normatização psiquiátrica.

Para tanto, contaremos a história do filme para compreendermos seu espaço. A trama de "K-pax" já se inicia com indagações sobre a identidade de Prot, que logo na primeira cena afirma para policiais ter vindo de outro planeta. E assim é levado ao Instituto Psiquiátrico de Manhattan, lugar onde ficara de observação e internado. Lá é tratado pelo Dr. Mark Powell (Jeff Bridges) que a princípio enxerga o recém chegado pelos olhos do hospital psiquiátrico, ou seja, trata seu paciente como um louco insano que somente diz ser de outro planeta

A informação de que havia um suposto “alienígena” se espalhou pelo hospital e logo atiçou a curiosidade dos demais pacientes que se aproximaram de Prot. Os que mais se aproximam com perguntas são as personagens Howie (David Patrick Kelly) e Ernie (Saul Willian) e o doutor Mark Powell – que é quem mais cria intimidade com o passar do tratamento. Isso porque além da duvidosa identidade, Prot tinha uma enorme inteligência que fazia com que todos o ouvissem e se interessassem pelas histórias e os relatos da sua naturalidade "k-paxiana".

As histórias e relatos de Prot estimulavam a criatividade das personagens já que ele discursava sobre a busca de justiça e liberdade. Suas palavras as influenciavam e instigavam para uma fuga daquela normatização do hospital psiquiátrico, estendendo olhar dos pacientes para questões exteriores ao Instituto, como um outro planeta possível, desmanchando assim o envolvimento com somente um espaço. Este que já não era mais quem ditava ou condiciona as personagens, agora a autonomia do corpo de cada um passou a ser o impacto da realidade com o pensamento criativo, a qual gerava novas ações.

Para problematizar o hospital e refleti-lo para além de sua relação pré-concebida, explicaremos o conceito de lugar em duas frentes ao tensioná-lo com a noção do corpo enquanto criador de outros movimentos que dão significados, transformam e dão sentidos outros para como afetamos o espaço. Primeiramente, começamos com a ideia de utopia, do texto "A utopia" (MORE, 1996), escrito em 1532 quando More ao refletir o modelo da sociedade inglesa no século XVI, visa

a construção de um lugar perfeito por enxergar que a falta de justiça, o excesso de violência, e a grande desigualdade eram predominantes. Apoiado nisso, ele idealiza a ilha de Utopia a qual coloca nela corpos que ali se relacionariam de maneira justa, desenvolveriam políticas que visassem o bem da população pela qual viveria sem a falta da cultura e da segurança. Pela etimologia utopia significa não lugar ou nenhum lugar (do grego, “*u*” é usado como prefixo de negação e “*topos*” significa lugar) (CHAUÍ, 2008).

"De fato, nada se encontra em toda a cidade que seja mais agradável e útil. Parece, mesmo, que o próprio fundador do império assim os concebeu. Dizem que utopus imaginou e executou o plano da cidade tal como hoje existe, deixando a cargo dos seus descendentes o embelezamento dela, pois sabia que para isso não chegava o tempo de vida do homem" (MORE, 1996)

Assim, compreendemos que a ilha imaginária idealizada por Thomas More e o planeta K-pax são semelhantes pela ideia de ocupar um lugar fictício, um lugar nenhum (Imagem 1.A), com corpos potencialmente preparados para um convívio e relação em que não haja o cruzamento das diferenças. Porém, apesar das relações serem positivas dentro desse espaço idealizado, tanto K-pax quanto a Iha de Utopia, elas não são reais por serem somente relações imaginadas e sonhadas.

Ao criarmos uma imagem de espaço que aguça os sentidos mais belos que leva a uma sociedade justa e igualitária, como faz Prot no filme, depositamos em cada indivíduo a esperança de enxergar-se em um novo mundo, com novas leis - ou até mesmo sem a necessidade delas-, fazendo com que ele vista seus desejos, consuma seus gostos e que, ao mesmo tempo, fuja da realidade pela qual vive para a ilusória, utópica.

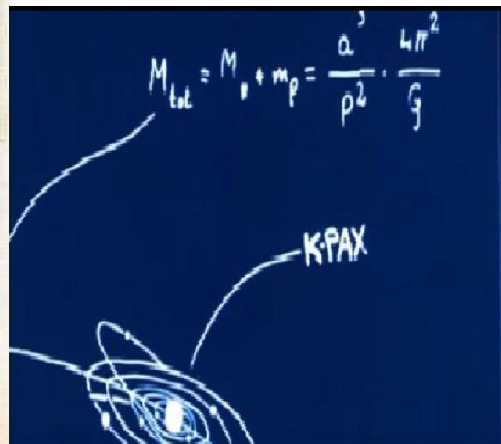


Imagem 1.A. A imagem da direita é a Ilha de Utopia retirada do livro de More, e a da esquerda é K-pax, retirada do filme. Ambas imaginárias, mostram que o desejo consiste na criação da fuga por um não lugar

K-pax é o não lugar necessário para que as personagens pudessem ampliar seus desejos e afetos. Ao idealizarem um planeta diferente aonde não haveria a necessidade de sentir-se louco elas o poetizam. Enxergamos isso no filme quando os pacientes passam a organizar um evento ao qual teriam que desenvolver redações e desenhos para que Prot pudesse escolher um deles para fazer companhia na volta a K-pax.

Agora, a segunda frente que estudamos é uma experimentação de uma nova perspectiva à ideia de utopia desdobrando-a com a filosofia da diferença, a qual nos apresenta, a partir de Michel Foucault, filósofo e historiador do século XX, a questão do corpo heterotópico que apresenta os corpos como agentes singulares de sentidos, ou seja, cada corpo apresenta uma forma, uma maneira de sentir e pensar o espaço que o afeta, elaborando assim através da própria ação, consciente ou inconsciente, movimentos que ao serem cruzados com o espaço (re)criam o lugar em comum a todos eles.

Em outras palavras, o significado de lugar pode ter variações nas suas significações a partir do movimento em que indivíduos com seus corpos passam desenvolver na produção de seus desejos, querereres, sonhos e demais anseios nos lugares pelos quais eles ocupam desterritorializando as noções espaciais pré-definidas, que agora teria outras perspectivas e desenhos. Michel Foucault propõe o estudo aprofundado das heterotopias como heteropológia, que seria:

“uma ciência que teria como objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações místicas e reais de espaço em que vivemos. Essa ciência estudaria (...) as *hetero-topias*, espaços absolutamente outros; (...) não há, provavelmente, nenhuma sociedade que não constitua sua heterotopia ou suas heterotopias. (...) Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis. O teatro, que é uma heterotopia, perfaz no retângulo da cena toda uma série de lugares estranhos” (FOUCAULT, 2013, p.20-24)

Assim, em consideração ao filme, podemos apontar que Prot nega o estereótipo da imagem dada a ele e aos demais pacientes, que é a de louco. Isso porque ele se comunica

horizontalmente, sempre buscando a imagem real das personagens, não a ditada e ordenada pela disciplina do hospital psiquiátrico. Prot passa a ser o espelho das personagens as quais o olham buscando a procurá-las em suas palavras, a idealizar não mais estarem concentradas nos tratamentos e nos remédios, mas nos desenhos e nas redações que elas passam a desenvolver depois da chegada do "paciente alienígena".

Os corpos que ocupam o espaço hospital passam a entendê-lo não mais como um lugar disciplinador de tratamento, entretanto, como uma exploração e experimentação para novas sensações, tal como, por exemplo, no filme, *Howie estrangula Ernie* não para matá-lo, mas para que ao perder o fôlego o paciente estrangulado – que tinha fobia de respirar sem máscara por conta da sensação de ser infectado pela impureza do ambiente – percebesse o sentido de respirar fundo sem a inibição do medo.

Desta maneira notamos a heterotopia totalmente ligada ao movimento que Prot passa a dar ao Instituto Psiquiátrico. Primeiro, no princípio da trama, enxergamos um lugar em que as memórias das personagens são o motivo delas continuarem sedadas, mortas criativamente. Depois, a medida em que elas recordam suas memórias e começam a percebê-las fora do ambiente hospitalar, elas almejam e buscam novas experimentações e percepções para seus dias. Exemplo disso é o Dr. Mark Powell que conforme o passar do tratamento deixa de lado a relação de doutor para com Prot, criando uma imagem inversa à qual deixa parecer que Mark faz o papel de paciente (Imagem 1.B.), contando histórias, desabafando e deixando seus afetos atravessarem o do “paciente alienígena” que o questiona sobre seus traumas e também os do planeta.



Imagem 1.B. Imagem mostra Dr. Mark Powell (direita) e Prot (esquerda) a fim de elucidar o exemplo dado

“Vocês, humanos, a maioria de vocês concorda com essa política olho por olho.

Uma vida por uma vida no universo e tida como uma estupidez. Seu Buda e seu Cristo falaram diferente, mas ninguém liga, nem budistas, nem cristãos. Vocês humanos... às vezes é difícil imaginar como chegaram tão longe” (SOFTLEY, K-Pax: o caminho da luz, 2002)

Entender a relação das ideias de utopia e heterotopia e como elas movem o hospital psiquiátrico do filme "K-pax" é a essência deste projeto de pesquisa que ainda está em fase inicial. O apontamento de que a utopia, de Thomas More, e as heterotopias, de Michel Foucault, não se antepõe é crucial. Compreendemos a complementariedade da relação das ideias que nos mostram os autores em conjunto da obra de Iain Softley, e como podemos refleti-las num discurso geográfico. A partir dos desejos individuais de como o indivíduo, ou no caso do filme, um paciente, afeta o mundo e de como o mundo o afeta pelas suas leis, normas, diplomacias e formas enxergamos a necessidade de reflexão dos conceitos sobre os referenciais espaciais dentro do ensino tradicional que a Geografia nos passa. Essa relação e interação podem nos fazer (re)pensar as noções de espaço e de lugar de maneira diferente onde não seja necessária a consolidação de novos ou velhos conceitos, mas que a desconstrução dos valores já formados seja fundamental ao entendimento dos sentidos das heterotopias e para como elas transformam o cotidiano

E para isso a contribuição para com os valores imagéticos torna-se importante, uma vez que podemos nos atravessar a partir das representações de lugares que nos mostram por entre diversas maneiras de nos mostrar essa linguagem. É possível que compreendamos a cinematografia dentro da geografia quando pensarmos nas representações de realidade que as imagens nos mostram Isto é, ao entrarmos em contato com as imagens em movimento dos filmes somos levados para novas demonstrações de lugares aos quais desconhecemos, mas que ainda assim interagimos passando a conhecer suas memórias, seus espaços e seus lugares, representando uma realidade que está se formando junto a nossa percepção de elementos e fenômenos que criamos e sentimos com a obra. (BERNARDET, 1936)

Portanto, apontamos aqui a importância de potencializarmos a quebra da fronteira entre linguagens, entre organizações e ordenações pela qual estamos sujeitos a viver. Entender e compreender os traços utópicos e os colorir com as heterotopias faz com que possamos ir além de livros, peças de teatro, geografias e cinemas. Podemos potencializar a linguagem artística para subsidiar o lugar pelo qual apresentaremos nossas formas, nossos potenciais criativos, o

passando nossas e novas realidades. E estas serão cruzados com outros novos potenciais criativos e artísticos que contribuíram com outras novas maneiras de recriar e desterritorializar os espaços, assim como foi transformado o Instituto Psiquiátrico de Manhattan no filme que aqui estudamos.

5. REFERENCIAS

BERNARDET, J.C. O que é cinema. São Paulo: Nova Cultural Brasiliense, 1936

CHAUÍ, M. Notas sobre utopia. São Paulo: Ciência e Cultura, 2008

FOUCAULT, M. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo: n-1 Edições, 2013

MORE, T. A utopia. 20.ed. Rio de Janeiro: Ediouro S.A, 1996

SOFTLEY, I. K-PAX: o caminho da luz. Cor., 120 min, EUA, 2011